

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Cassiane Duarte Vernes

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL MEDIADA PELA TECNOLOGIA

Porto Alegre

2011

Cassiane Duarte Vernes

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL MEDIADA PELA TECNOLOGIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Informática na Educação, do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Especialista em Informática na Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Louise Jeanty de Seixas

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Dr. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa. Dra. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenador(as) do Curso de Especialização em Informática na Educação: Profa. Dra. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Dedico este trabalho aos meus pais pela compreensão, à comunidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genoveva Costa Benardes, que me recebeu e que me deu estrutura para a prática da inclusão social com o apoio das tecnologias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o aprendizado profissional e pessoal que os professores da UFRGS me proporcionaram, principalmente a direção do curso ESPIE em especial à Profa. Dra. Liane Margarida Rockenbach Tarouco, pelos recursos técnicos e o comprometimento de qualidade de ensino, que contribuíram para minha formação continuada de profissional da educação.

RESUMO

A temática tem o objetivo de mostrar a orientação educacional mediada pelas tecnologias, relatando o exemplo do uso do telefone celular como um apoio pedagógico, em uma escola pública do RS. Com a discussão do papel atual da escola, é feita uma reflexão sobre o papel do Orientador Educacional, procurando contextualizar o processo de aprendizagem, mediado pelas tecnologias. Segue-se uma discussão sobre a possibilidade do uso do telefone celular, como um recurso pedagógico adicional em sala de aula. É destacada a potencialidade do uso deste equipamento para o processo de inclusão e inserção social e educativo na escola. Na conclusão, é reforçada a visão do Orientador Educacional mediante o uso deste recurso, tornando-o um interessante aliado para uma aprendizagem significativa, ao inseri-lo nos projetos educacionais. Entende-se que é uma maneira de estimular a interdisciplinaridade dos saberes e a valorização das habilidades, incentivando a construção coletiva, a criatividade e a autonomia dos agentes educacionais.

Palavras-chaves: **Orientação educacional. Tecnologia educacional. Mediação. Telefone celular. Escola.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

OE – Orientador Educacional

PCN – Parâmetros curriculares Nacionais

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEB – Secretaria de Educação Básica

Tics – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA ESCOLA	10
3 O ORIENTADOR EDUCACIONAL	13
4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E AS TECNOLOGIAS.....	16
5 O USO DO TELEFONE CELULAR COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO: relato de uma experiência	20
6 DISCUSSÃO	27
7 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, uma questão bastante polêmica nas escolas, tem sido o uso do telefone celular, existindo inclusive proibições legais para o uso deste equipamento em sala de aula. Considera-se que é relevante disciplinar o seu uso, mas ao mesmo tempo, pode-se procurar utilizar esta tecnologia como um aliado no processo educacional. Assim, o presente trabalho foi elaborado com objetivo de mostrar a orientação educacional mediada pelas tecnologias, com o exemplo da possibilidade do uso do telefone celular como um apoio pedagógico. Será relatada a experiência realizada em uma escola pública de Porto Alegre, localizada numa comunidade carente, afastada do centro e com poucos alunos, se comparada à maioria das escolas. Nesta comunidade, poucos alunos têm computadores em casa, mas muitos possuem telefone celular, assim propõe-se explorar este recurso dentro e fora da sala de aula, por meio de diferentes atividades.

Após esta introdução, que coloca a temática, o Capítulo 2 discute o papel atual da escola e, a seguir, no Capítulo 3 é realizada uma reflexão sobre o papel do Orientador Educacional. O capítulo seguinte trata do processo de aprendizagem, mediado pelas tecnologias, e o Capítulo 5 discute sobre a possibilidade do uso do telefone celular, como um recurso pedagógico adicional em sala de aula, e o relato de uma experiência.

Segue-se, no Capítulo 6, uma discussão sobre a possibilidade do uso do telefone celular, como um recurso pedagógico adicional em sala de aula. É destacada a potencialidade do uso deste equipamento para o processo de inclusão e inserção social e educativo na escola.

Na Conclusão, no Capítulo 7, é reforçada a importância da troca de conhecimentos e de experiências que resultaram em uma motivação e aprendizagem significativa para a equipe da escola e os alunos. Também é discutido o papel do Orientador Educacional mediante o uso de novas tecnologias, tornando-o um interessante aliado para uma aprendizagem significativa, ao inseri-lo nos projetos educacionais.

As referências consultadas estão relacionadas no final do trabalho, fundamentando assim o uso e a inserção de novas tecnologias na escola, com o apoio e a mediação do Orientador Educacional.

2 A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA ESCOLA

Se formos retornar ao início da história da educação no Brasil, em 1700, com o padre Loyola, verifica-se que naquela época, o papel da escola era o de ensinar a submissão à autoridade ou à oligarquia.

No momento atual observamos há um consenso crescente da sociedade, de que a educação deve preparar uma pessoa para a convivência social harmônica em sua própria cultura, assim como em diferentes culturas, para a aceitação de costumes e valores e para a construção de novos conhecimentos.

A Constituição Brasileira de 1988, segundo o artigo 205 Cap.II, Seção I estabelece que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração ao ambiente familiar, mas principalmente nas escolas.” (BRASIL, 1988, [s.p.]).

Vemos então que, de forma mais ampla, “A educação não é mérito de um único professor ou de uma única escola, mas é responsabilidade de todo docente e de toda comunidade escolar e do grupo social, influenciada pelo contexto social, seja na casa, na rua, ou na escola.” (BRASIL, 1996, p. 1-2).

De acordo com Guareschi (1981, p. 182):

A escola atualmente busca a sua fundamentação dentro da sua proposta política pedagógica, na perspectiva de uma realização humana e plena. A escola valoriza o diálogo, levando à realização tanto do educando como os educadores para a solidariedade. Portanto, é tarefa de todos, mas principalmente dos educadores, garantirem uma escola de qualidade e para todos independentes do grupo social, econômico, escolaridade, organização, disciplina, etc. A inclusão, pois, passa a ser o dever "número um" de todo educador preocupado com o valor social de sua prática e, ao mesmo tempo, ansioso de seus deveres profissionais.

De acordo com o Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1996), para um ensino de boa qualidade são necessários diversos investimentos voltados para a melhoria das condições de trabalho nas escolas, assim como investimentos diretamente voltados para os professores, como condições salariais e desenvolvimento profissional. Assim, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), busca-se intensificar, entre os educadores do nosso País a discussão da prática e do posicionamento frente as mais diferentes questões, educacionais, econômicas, políticas e sociais. Isto porque “[...] o objetivo é o de

oferecer uma educação pública e democrática, com uma proposta de educação integral, que compreende o ser humano em suas múltiplas dimensões como ser de direitos.” (BRASIL, 1996, p. 34).

Constata-se que “[...] contribuir, de forma relevante, para que profundas e imprescindíveis transformações possam acontecer no panorama educacional brasileiro [...]” e “[...] posicionar o professor, como o principal agente nessa grande empreitada [...]” (BRASIL, 1996, p. 34) são as principais razões para motivar estas mudanças.

Dada à abrangência dos assuntos abordados e a forma como estão organizados, os PCN podem ser utilizados com objetivos diferentes, de acordo com a necessidade de cada realidade e de cada momento. Neles encontram-se subsídios para reflexão e discussão de aspectos do cotidiano da prática pedagógica, a serem transformados, continuamente pelo professor. Algumas possibilidades para sua utilização são:

- Rever objetivos, conteúdos, formas de encaminhamento das atividades, expectativas de aprendizagem e maneiras de avaliar;
- Refletir sobre o porquê, o para quê, o quê, como e quando ensinar e aprender; nesta reflexão sobre a prática pedagógica tendo em vista uma coerência com os objetivos propostos;
- Preparar um planejamento que possa de fato orientar o trabalho em sala de aula.

Além disto, discutir com a equipe de trabalho as razões que levam os alunos a participarem ou não, nas atividades escolares, identificar, propor, produzir ou solicitar novos materiais que possibilitem contextos mais significativos de aprendizagem, subsidiar as discussões de temas educacionais junto aos pais e responsáveis, são ações complementares igualmente importantes.

O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial n. 17/2007 (BRASIL, 2007) aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

O programa é coordenado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de

Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Sua operacionalização é feita por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, tendo como base estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), utilizando os resultados da Prova Brasil de 2005.

Assim, o Programa inicialmente busca atender, em caráter prioritário, as escolas que apresentam baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (LDB), situadas em capitais e regiões metropolitanas.

O propósito é evidenciar uma educação que busque superar o processo de escolarização tão centrado na figura da escola. Esta, de fato, é o lugar de aprendizagem legítimo dos saberes curriculares e oficiais na sociedade, mas não deve ser tomada como única instância.

Embora o governo federal tenha tomado iniciativas para melhorar o nível dos professores, os grandes agentes de transformação têm sido os próprios. Os professores têm buscado o engajamento do aluno, integrando a aprendizagem em seus contextos sócio culturais.

Contudo, entre as dificuldades estes profissionais encontram na prática, uma delas é a falta de professores para completar o quadro, o que faz com que muitos que são especialistas em uma área, devam também lecionar em outra, frequentemente muito diferente de sua própria.

A exigência vivenciada em sala de aula tem levado os docentes a repensar métodos pedagógicos, instrumentos de ensino, o uso de tecnologias e o relacionamento com os alunos.

Assim, a complexidade do processo do ensino depende, para seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, de ação coletiva, de espírito de equipe, sendo este o grande desafio da gestão educacional. Podemos constatar que a direção da escola, além de se constituir como uma das funções do processo organizacional, também é um imperativo social e pedagógico.

3 O ORIENTADOR EDUCACIONAL

A dimensão pedagógica da orientação educacional tem um papel muito abrangente, envolvendo a mediação entre os educadores e demais protagonistas da escola, buscando valorizar as competências de cada um, numa ação efetiva para a melhoria da qualidade nas escolas. Daí, portanto, a importância de se compreender a práxis do Orientador Educacional (OE), como um agente importante da equipe gestora e democrática, e o seu papel frente ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa para a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

Reverendo o papel do Orientador Educacional, das décadas de 60 até 90, nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) observamos o seguinte: se anteriormente este profissional era apenas “[...] um integrante da equipe [...]” da direção, na LDB de 1961 o orientador ganha status de orientador educativo e vocacional, “[...] identificando aptidões individuais, com um trabalho estendido a todos os alunos [...]” (LIMA, [s.d], p. 1), não somente aos alunos-problema, lançando mão de todos os elementos da escola para o desenvolvimento de seu trabalho.

Em resumo, até este momento, o Orientador Educacional ofereceria orientação escolar, psicológica, profissional, da saúde, recreativa, e familiar.

Em 1969, dada à conjuntura político-social brasileira, uma nova função é atribuída ao Orientador Educacional: guiar os jovens em sua formação moral, cívica e religiosa.

Já na LDB de 1971, o Orientador Educacional “[...] utiliza seu trabalho como mecanismo auxiliar da tarefa educativa.” (BRASIL, 1971, p. 1). Aqui, a orientação educacional é interpretada como um esforço entre orientador, professores, administradores e família.

Assim, observa-se que o papel do Orientador Educacional transitou por décadas entre funções generalistas e aglutinadoras, mas sempre responsável por ajudar a manter a unidade escolar e sócio-educacional.

Finalmente, na LDB de 1996 (BRASIL, 1996, p. 12):

[...] a orientação educacional não aparece explicitamente, mas em seu artigo nº. 64 vemos que a formação de profissionais de educação para orientação educacional na educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, garantindo desta forma a base comum nacional.

Portanto, os objetivos da orientação estão intrinsecamente ligados aos objetivos gerais da educação e, no contexto da escola, associa-se a esta nos seus objetivos mais específicos.

Neste cenário o papel do Orientador Educacional assume importância junto ao corpo docente das instituições de ensino, acompanhando as atividades escolares, bem como o desempenho do estudante, seja em termos de rendimento ou de comportamento.

Dessa forma, podemos dizer que o Orientador Educacional é um profissional que procura assistir o orientando, considerando o seu ajustamento pessoal e social e relacionam-se com todos os demais profissionais envolvidos no processo educativo, como um agente mediador deste processo. Do mesmo modo, o Orientador Educacional pode ser elo para a integração de novas metodologias, incluindo o uso de tecnologias, como por exemplo, possibilitar o acesso a diversas fontes de informação que podem ser encontradas na Internet.

Podemos contar que se podem ampliar as possibilidades de fontes para a representação e construção do conhecimento, deslocando do professor a responsabilidade de ser o único que detém e controla o saber. Por outro lado, o professor também se defrontará com novas ferramentas que poderão apoiar seu trabalho ampliando as possibilidades de mediação na comunidade escolar.

Por exemplo: a orientadora educacional de uma escola participou em uma das aulas no laboratório de informática, solicitando que os alunos pesquisassem sobre apelidos (rótulos) que os alunos usavam um com o outro, muitas vezes de modo agressivo ou humilhante, para avaliar as conseqüências que isto poderia trazer. Os alunos do 5º ano fizeram esta pesquisa, procurando vídeos na internet sobre estes apelidos, e gravaram em seus celulares, para apresentar aos colegas. Nesta apresentação, puderam ter consciência das situações de constrangimento que esta prática - de colocar apelidos - pode causar, contribuindo assim para combater a discriminação e resgatar o respeito às diferenças, valorizando as diferentes culturas e a dignidade pessoal.

Vivenciou-se assim uma prática de interdisciplinaridade, possibilitando que os alunos se organizassem, trabalhassem em coletividade, aprendendo novas habilidades e formando uma concepção emancipatória, pois todos desenvolvem afazeres, organização e todos aprendem a usar suas habilidades para uma

aprendizagem significativa, contribuindo para a integração de toda a comunidade escolar.

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E AS TECNOLOGIAS

Deve-se considerar que o aluno é um agente social que leva para a escola uma série de experiências acumuladas em casa, no trabalho, no clube, na igreja, etc. Essas experiências do cotidiano são importantes, pois tornam o aluno capaz de reelaborar os conceitos emitidos pelo professor. É nessa contraposição entre a experiência do professor e a experiência do aluno que o conhecimento é construído. Espera-se do aluno nos dias de hoje, que este seja um agente de elaboração de seu conhecimento, o que só acontece quando o aluno debate e exige do seu professor, quando o questiona.

Portanto a aprendizagem do estudante será significativa quando esse for um sujeito ativo. Isso se dará quando o aluno receber informações relativas ao objeto de estudo e puder utilizar o tempo para organizar suas atividades e agir sobre elas. Em outras palavras, se o professor apenas descrever um objeto ou narrar um fato, esse tempo utilizado para a verbalização é um tempo perdido, gasto inutilmente. Entretanto, poderá ser transformado em um tempo útil, se os alunos puderem usar abordagens como tentativa e erro, puderem formular suas hipóteses, ou seja, participarem ativamente do processo. Portanto as formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, por meio de constantes reorganizações, em momentos sucessivos, de adaptação, passando a se constituir, portanto como um objeto de aprendizagem. Esta adaptação ocorre por dois mecanismos complementares, que garantem o processo de desenvolvimento: a assimilação e a acomodação.

Estimula-se desta maneira a troca de conhecimentos, por meio de uma adaptação e assimilação dos conhecimentos prévios, levando a um conhecimento totalizado e significativo para todos.

Segundo Bassos ([s.d., s.p.]) na perspectiva construtivista de Piaget:

O começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento.

Para Piaget *apud* Bassos ([s.d., s.p.]), o conhecimento é construído no processo de equilíbrio/reequilíbrio da assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos do mundo.

Assim, a adaptação acontece por meio da organização, sendo que o organismo discrimina entre estímulos e sensações, selecionando aqueles que irão organizar em alguma forma de estrutura.

Estas estruturas, por sua vez, se modificam com o desenvolvimento mental e que se tornam cada vez mais refinadas na medida em que o aluno torna-se mais apto a generalizar, dando origem aos esquemas.

Faria (1998) *apud* Bassos ([s.d., s.p.]) “[...] salienta que os esquemas são uma necessidade interna do indivíduo.” Os esquemas afetivos levam à construção do caráter, são modos de sentir que se adquire juntamente às ações exercidas pelo sujeito sobre pessoas ou objetos. Os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência, tendo a necessidade de serem repetidos; por isso, por exemplo: a criança pega várias vezes o mesmo objeto, para conseguir assimilá-lo. Posteriormente, ocorre a ampliação do campo de aplicação, a assimilação generalizadora (a criança não pega apenas um objeto, pega outros, diferentes, que estão por perto). Assim, através da discriminação progressiva dos objetos, da capacidade chamada de assimilação recognitiva ou reconhecedora, a criança identifica os objetos que pode ou não pegar, que podem ou não dar algum prazer a ela.

Conforme Delval (1998, p. 69) “[...] o sujeito produz esquemas de uma sucessão de ações que desencadeará estímulos, onde desenvolverá seu papel mediante ao grupo e com isto experimentando sua autonomia de ações e pensamentos.”

Destaca-se com isto, a importância do professor que, ao realizar mediações vinculadas às demandas de seus alunos, facilitará para uma avaliação positiva, pois o professor está estimulando o aluno a aprender a fazer, a partir dos desafios. Através destes, o aluno se sentirá seguro na interação com o meio, tendo respostas para suas questões cognitivas, e assim, aprendendo a fazer de forma significativa.

Bassos ([s.d., s.p.]) ainda salienta que,

[...] os fatores responsáveis pelo desenvolvimento, segundo Piaget, são: maturação; experiência física e lógica-matemática; transmissão ou

experiência social; equilíbrio; motivação; interesses e valores; valores e sentimentos. (BASSOS, [s.d., s.p.]).

Em resumo, o professor deve sempre ter estratégias que provoquem os alunos a se apropriarem e assimilarem novos conhecimentos, e desta maneira, evoluir e aprender a aprender.

Para Chipinotto (2010, p. 71) as “[...] mudanças das ferramentas tecnológicas disponíveis em nosso contexto anunciam as oportunidades de renovar diálogos com a realidade e, também de possibilitar a reformulação de novas práticas pedagógicas.”

Neste trabalho, o nosso objeto de aprendizagem inicial, é o telefone celular, inserido numa proposta metodológica, procurando motivar os alunos a ter a participação mais assídua, assim como os professores. A seguir, este celular passa a ser utilizado como ferramenta tecnológica, para a exploração do ambiente, por meio de gravações, filmagens, etc.

Ao avaliar o uso da tecnologia com um objetivo educacional, o Orientador Educacional poderá procurar uma relação com as propostas didáticas dos professores, buscando equilibrar os interesses e inquietações do aluno, no aprender, e os objetivos colocados pelo professor, para aquele conteúdo. Deste modo, se possível poderá integrar novos recursos e metodologias, mais criativas e versáteis para benefício de todos.

Por exemplo, ao programar uma atividade, cujo objetivo é o de realizar uma pesquisa sobre um tema de interesse da turma, o professor pode solicitar que os alunos façam uma síntese, elaborem uma mensagem de texto, e postem numa página social, utilizando como ferramenta para isto, o telefone celular. Desenvolvem-se, assim, novas habilidades de lidar com a informação, e ao mesmo tempo, há um reforço nas relações sociais.

O acesso à internet pelo telefone celular, apesar da sua disponibilidade, ainda é um recurso caro, e poucos alunos tinham estes aparelhos. Entretanto, como nossas aulas eram semanais, programávamos antes, como tema de casa, para trazerem um celular. Assim, os alunos se organizavam para trazer ou, se necessário, para pedir emprestado, para terem o recurso e manipulá-lo, emprestando entre si os aparelhos, possibilitando que todos pudessem explorar e interagir também com os objetos.

Assim, através do uso do celular, o professor pode trabalhar a descoberta e a invenção, possibilitando a formação de alunos capazes de construir seu próprio conhecimento, com uma análise crítica das implicações de novas tecnologias na educação.

5 O USO DO TELEFONE CELULAR COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO: relato de uma experiência

Dentre os recursos tecnológicos, atualmente está sendo muito discutido nas escolas o uso do telefone celular. Conforme Correia ([s.d., s.p.]):

Atualmente o uso de aparelhos de telefonia móvel em sala de aula não é visto como algo que venha contribuir com a educação, muito pelo contrário. Em algumas cidades este assunto tem ganhado tamanha importância que chegou até as câmaras legislativas, onde foram aprovados projetos de leis que proíbem o uso destes aparelhos em sala de aula.

Segundo Correia ([s.d., s.p.]): “[...] o uso do celular em sala de aula se constitui num sério problema, pois os alunos são atraídos o tempo todo pelos recursos da mídia, deixando de lado as explicações e os afazeres da sala de aula.” Sem dúvidas, estes equipamentos desempenham uma função importante, pois garantem canais de comunicação com as famílias e amigos, e é uma necessidade atual porque permite que pais e filhos, mesmo distantes, permaneçam ilusoriamente próximos. O celular, atualmente, também é um instrumento de inserção e afirmação social no grupo, como um cartão de apresentação para a turma. Por outro lado, o celular é uma mídia extremamente popular e acessível entre os adolescentes todos possuem, gostam e sabem usar, e gostam de explorar seus recursos. Um exemplo é o próprio toque do celular (e suas variações), as fotos que podem ser captadas, as mensagens que podem ser trocadas. Estas ações frequentemente interferem e atrapalham a aula.

Entretanto, os celulares não precisam ser vistos apenas como problemas ou dificuldades. Assim, pode-se pensar em uma utilização didática para essa mídia em uma tentativa de desmistificar a idéia do celular como vilão do professor e das aulas.

Além disto, um novo olhar do Orientador Educacional para o uso do celular pode transformar este em um interessante recurso de aprendizagem, incluindo-os em projetos educacionais. Entretanto no contexto educacional como poderemos incentivar os professores para utilizarem o celular como recurso pedagógico?

Por exemplo, pode-se programar uma atividade, cujo objetivo é o de realizar uma pesquisa sobre um tema de interesse da turma, e solicitar que os alunos façam uma síntese e postem numa pagina social, usando como ferramenta o celular.

Na construção desse processo, iremos discutir no capítulo seguinte, a experiência como instrutora de informática do programa Mais Educação, associada à nossa formação como Orientador Educacional, numa escola de rede pública de Porto Alegre.

Embasamo-nos na proposta construtivista, integrando o uso do celular, permitindo que o aluno coloque em prática seus conhecimentos prévios, para a apropriação de novos conhecimentos, tornando-os significativos. A reconstrução das diferentes linguagens aplicadas permite que o aluno reconstrua seu conhecimento, e nesse processo o professor irá buscar sempre novas ferramentas e aplicações deste método, por meio da agregação das relações sociais e das formas de lidar com a informação.

Vários professores já começaram a introduzir esta ferramenta, como recurso auxiliar, tornando-a uma aliada: tiveram a idéia de pedir aos alunos, que trabalhassem conteúdos como redação, por meio da elaboração de texto enviado como mensagens para colegas.

É possível concluir que o professor se apropriou de uma metodologia, onde trabalha a interdisciplinaridade e as relações sociais, pois possibilita a troca entre aluno e professor.

A importância deste recurso, que poderá trazer propostas de estratégias cognitivas, onde o professor poderá apresentar desafios, para os quais os alunos deverão aplicar suas habilidades de organização coletiva, pois todos terão que interagir, trazendo o material de pesquisa. No momento em que os alunos trouxerem suas pesquisas e resultados individuais, ao compartilhar este material com os demais, observa-se que eles desenvolveram a visão individual, contribuindo na formação de uma totalidade do aprendizado, além de ter sua autonomia e a criatividade posicionadas no grupo de colegas.

Conforme Moura ([s.d., s.p.]) “As mediações comunicacionais foram introduzidas no contexto das relações sociais sem, contudo, romperem com os princípios de sociabilidade presentes na interação face a face.” Assim, “[...] veicula de forma implícita e/ou explícita traços dos sujeitos em interação”. (MOURA, [s.d., s.p.]).

Acreditamos que é possível o uso do celular faça parte das novas mídias educacionais.

Portanto, o objetivo de analisar as concepções docentes e discentes sobre a formação inicial dos professores no uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – (Tics), buscando conhecer a opinião destes sujeitos a respeito de sua formação inicial, como esta foi feita e questionando se a mesma lhes garantiu fundamentação e subsídios teóricos para que eles possam atender as necessidades atuais exigidas no campo profissional, referentes a estas áreas.

Buscou-se também investigar como o professor está trabalhando com as novas tecnologias e o uso do laboratório de informática das escolas pesquisadas.

Neste sentido considera-se que o papel de professores responsáveis pela formação inicial de docentes não deve ser apenas de apresentar os tipos de tecnologias utilizadas de forma teórica, ou mesmo levar o aluno/a um laboratório para ensinar como utilizar os celulares.

Entendemos que a educação será mais complexa porque cada vez sai mais do espaço físico da sala de aula para ocupar muitos espaços presenciais, virtuais e profissionais; descentralizamos a visão do professor como centro da informação para incorporar novos papéis como os de mediador, de facilitador, de gestor, de mobilizador. Sem dúvidas, estes equipamentos devem ter seu uso disciplinado, inclusive nas escolas, mas sempre com o cuidado de evitar excessos de parte a parte. O uso deve ser controlado, pois garantem canais de comunicação com as famílias e amigos, e é uma necessidade atual porque permite que pais e filhos, mesmo distantes, permaneçam ilusoriamente próximos.

Além disso, atualmente o celular também é um instrumento de inserção e afirmação social no grupo, como um cartão de apresentação para a turma. Assim, é uma mídia extremamente popular e acessível entre os adolescentes: todos possuem, sabem usar, e gostam de explorar seus recursos: por exemplo, o próprio toque do celular (e suas variações), as fotos que podem ser captadas, as mensagens que podem ser trocadas.

Estas ações, realizadas na sala, frequentemente interferem e atrapalham a aula, porém os celulares não precisam ser vistos apenas como problemas ou dificuldades. O desafio é pensar em uma utilização didática para essa mídia, em uma tentativa de desmistificar a idéia do celular como vilão do professor e das aulas. Portanto, no contexto educacional, como poderemos incentivar os professores para utilizarem o celular como recurso pedagógico?

Um novo olhar do Orientador Educacional para o uso do celular pode transformar este em um interessante recurso de aprendizagem, incluindo-os em projetos educacionais. Num exemplo bem simples, pode-se programar uma atividade, com o objetivo de realizar uma pesquisa sobre um tema de interesse da turma, e solicitar que os alunos façam uma síntese e postem numa página social, usando como ferramenta o celular.

A inclusão do telefone celular como um recurso em sala de aula, também pode trazer propostas mais elaboradas de estratégias cognitivas, por exemplo, onde o professor poderá apresentar desafios, para os quais os alunos deverão aplicar suas habilidades de organização coletiva: Todos terão que interagir, trazendo o material de pesquisa em seus aparelhos individuais. No momento seguinte, as pesquisas e resultados individuais de cada aluno deverão ser compartilhados com os demais: observa-se que os alunos desenvolverão a experiência do individual, mas contribuindo na formação de uma totalidade do aprendizado, além de ter exercido sua autonomia e criatividade posicionadas no grupo de colegas.

A seguir, será relatada uma experiência nossa na Escola Estadual de Ensino Fundamental Genoveva Costa Benardes, localizada no Bairro Lami, no Município de Porto Alegre / RS. Somos Orientador Educacional e também atuamos como monitora de informática para alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental, dentro do Projeto Mais Educação.

São, portanto, alunos da rede pública Estadual, de uma comunidade pobre, afastada do centro urbano, sendo que a escola, além de ser um centro de educação, também é única local de lazer da comunidade.

Após algumas semanas de atuação como Instrutora de Informática, alguns Professores de Área (como são chamadas as docentes permanentes) solicitaram uma reunião conosco para discussão de metodologias pedagógicas apoiadas pelo computador. Foram analisados seus planos de aula e as possibilidades de utilizar os recursos da informática, como estratégia de valorizar as habilidades cognitivas dos alunos. Por exemplo: como desenvolver a lógica matemática - as associações, como trabalhar formas geométricas; trabalhar o desenvolvimento da linguagem, por meio de histórias vinculadas ao cotidiano do aluno, etc.

Buscou-se desenvolver a mediação, estimulando a interdisciplinaridade dos conteúdos, por meio de um processo de trocas de conhecimentos entre os alunos e com a equipe pedagógica.

Esta experiência teve a duração de 3 meses, onde nos encontrávamos uma vez por semana, nos períodos inversos a aulas, no Laboratório de Informática. Trabalhamos com 35 alunos, dos 1º à 4º anos do Ensino Fundamental, em 25 computadores.

Desde o início foram estabelecidas regras, onde os alunos propuseram que sentassem em “grupos por ano”. Assim, os pequenos desenvolviam atividades com desenhos, usando formas geométricas, para sua introdução no contexto da interdisciplinaridade do conhecimento com uso das ferramentas tecnológicas.

Os maiores trabalharam com o uso de hipermídia, como exploração de imagens e vídeos, relacionando os conhecimentos prévios das aulas e contextualizando com seu cotidiano, além de produção de textos. Assim, desenvolviam associação de linguagem, e esta se tornava significativa, pois havia a troca de conhecimentos e a valorização das habilidades de cada um, agregando assim sujeitos diferentes a um aprendizado igualitário.

Na construção desse processo, foi inserida a experiência do uso do celular, possibilitando uma maior participação entre os alunos, por este ser um objeto mais acessível a todos, ao contrário do computador. Utilizamos o aparelho para a captação de imagens e vídeos, para trabalhar assuntos como a localização geográfica de suas casas e entornos, num trabalho paralelo ao resgate de cidadania.

Por exemplo, numa atividade de pesquisa sobre as regiões do município de Porto Alegre, os alunos pesquisaram na internet, textos e mapas do satélite. Assim, foram se apropriando do senso de cidadania, pois conseguiam se situar no mapa além de localizarem suas casas. Após esta pesquisa, fizeram fotos de suas residências no celular, e com os textos pesquisados, reuniram-se e formularam uma síntese, e postaram em suas pastas. Posteriormente, o material foi postado no site da escola.

O objetivo inicial desta proposta era desenvolver a linguagem, através do trabalho coletivo, mas se ampliou ao associar diferentes temas com os conhecimentos prévios dos alunos, ao estimular o uso de uma ferramenta conhecida às quais todos tinham acesso (o telefone celular), com outras finalidades e contextos, produzindo novos conhecimentos significativos.

Outra experiência foi uma atividade onde os alunos deveriam procurar músicas relacionadas a seu cotidiano, e a partir deste material elaborar uma redação

com o tema “A música e a minha vida”. As tecnologias de compartilhamento foram o “You Tube” e o “Bluetooth”. Os alunos que tinham estes recursos faziam o acesso e passavam os dados para os demais colegas, auxiliando-os em suas pesquisas. Assim, além do tema do trabalho em si, também estavam desenvolvendo a valorização de suas habilidades, e relações pessoais.

Observamos que, ao aplicar as atividades com a câmera do celular, na etapa seguinte, os alunos precisavam selecionar e configurar imagens a partir das fotografias capturadas, fazendo assim uma análise e contextualização deste novo objeto de aprendizagem. Do mesmo modo constata-se que, ao trabalhar o som como um elemento importante de referência à imagem, fazendo uma releitura sonora atrelada à leitura imagética e ao texto narrativa-crônica, tem-se um recurso histórico que leva a uma reflexão sobre o imediatismo, o descartável, as questões ambientais.

Constatamos que ao colocar na prática desenvolvem-se os conhecimentos prévios de linguagem e códigos significativos para apropriação de novos conhecimentos inseridos pelo professor, assim aprendendo a aprender.

Vários professores já começaram a introduzir esta ferramenta, como recurso auxiliar, tornando-a uma aliada: planejaram diferentes atividades tais como: solicitar aos alunos que trabalhassem conteúdos, por exemplo, a redação, por meio da elaboração de textos enviados como mensagens para colegas. É possível concluir que o professor se apropriou de uma metodologia, onde trabalha a interdisciplinaridade e as relações sociais, pois possibilita a interação entre aluno-aluno e aluno- professor.

Contudo entendemos que a motivação dos alunos também é de suma importância, pois sem ela não conseguiremos ter uma contextualização da inclusão dos indivíduos. Como profissionais da educação, os professores têm que ter leques teóricos que facilitem este processo de construção do conhecimento, com uma aprendizagem de compreensão dos sujeitos mediante a interpretação desse processo.

Neste contexto, o uso da tecnologia possibilita o acesso a diversas fontes de informação, como por exemplo, as que podem ser encontradas na Internet. Assim, podem-se ampliar as possibilidades de fontes para a representação e construção do conhecimento, deslocando do professor a responsabilidade de ser o único que detém e controla o saber. Por outro lado, o professor também se defrontará com

novas ferramentas que poderão apoiar seu trabalho ampliando as possibilidades de mediação na comunidade escolar.

O professor precisa saber que é um importante elo de condução ao conhecimento, ao estimular seus alunos, a fazerem suas próprias descobertas e desenvolverem sua capacidade de observar, pensar, comunicar e criar. Isto implica em que o próprio professor esteja capacitado para lidar com as tecnologias que podem trazer interessantes e novas possibilidades à sala de aula, mas também, incertezas e desafios, para o processo de ensino-aprendizagem.

Dando continuidade, o papel do docente na educação, pode ser exercido de forma que este se assuma como mediador e trabalhador social, na construção de uma sociedade mais equânime, na qual os educandos desenvolvam a criticidade e possam, dessa forma, lutar pelos seus interesses, inseridos na sociedade.

As Tecnologias de Informação e Comunicação podem contribuir intensamente neste processo, principalmente se exploradas como recursos pedagógicos.

O uso da Internet é caracterizado redes de comunicação que estimula a formação de um contexto coletivizado, resultado da interação entre participantes. Conectar-se é sinônimo de interagir e compartilhar no coletivo.

Por exemplo, os alunos podem usar seus e-mails para trocar informações, dúvidas com seus colegas e professores, tornando o aprendizado mais cooperativo. O uso do correio eletrônico proporciona uma rica estratégia para aumentar as habilidades de comunicação, fornecendo ao aluno oportunidades de acesso a culturas diversas, aperfeiçoando o aprendizado em várias áreas do conhecimento.

6 DISCUSSÃO

Almeida ([s.d, s.p.]): menciona que:

[...] as tecnologias de informação e comunicação foram inicialmente introduzidas na educação para informatizar as atividades administrativas, visando facilitar o controle e a gestão técnica, principalmente no que se refere à oferta e à demanda de vagas e à vida escolar do aluno. Posteriormente, as TIC começaram a adentrar no ensino e na aprendizagem sem uma real integração às atividades de sala de aula, mas como atividades adicionais.

Ao usar o telefone celular, como um recurso de descoberta e invenção, oportuniza-se a formação de alunos capazes de construir seu próprio conhecimento, tornando-se pesquisadores autônomos, à medida que descobrem novas áreas de seu interesse. Contudo, ao mesmo tempo em que as tecnologias embutidas no telefone celular podem trazer interessantes e novas possibilidades à sala de aula, também podem trazer incertezas e desafios, para o processo de ensino-aprendizagem.

A educação está se tornando cada vez mais complexa, ao sair das salas de aula e dos laboratórios, passando a ocupar espaços virtuais, descentralizados e atemporais. Também o papel do professor está mudando, passando a ser integrante de uma equipe interdisciplinar, e ao mesmo tempo, um mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador.

Percebemos então, que em relação à educação, o docente tem nas mãos a responsabilidade de agir como sujeito em meio ao mundo, e estimular o educando para também contribuir com a construção do conhecimento, agregando-o àquele já historicamente acumulado, dando-lhe a oportunidade de também atuar como protagonista na sociedade. Constatamos que, o processo ensino-aprendizagem ganha um dinamismo, inovação e poder de comunicação até agora pouco utilizados.

As tecnologias de informação e comunicação podem contribuir intensamente neste processo, principalmente se exploradas como recursos pedagógicos.

O uso do celular, acessando a Internet ou enviando mensagens, potencializa o contexto da informação, podendo ser caracterizado como uma forma de

comunicação que propicia a formação de uma situação coletivizada, resultado da interação entre participantes.

Conectar-se representa a interação e compartilhar no coletivo. Por exemplo, os alunos também podem utilizar mensagens para trocar informações, dúvidas com seus colegas e professores, tornando o aprendizado mais cooperativo.

Nesta situação podemos utilizar recursos que avancem neste processo, transformando o lúdico discursivo em motivação significativa, pois os comportamentos e conhecimentos são criticados, negociados e redefinidos. Acontece assim uma construção de respeito dos indivíduos, pois todos interagem e retomam seus papéis de agentes educacionais e, além disto, têm sua dignidade e opiniões inseridas no contexto.

Entendemos que ao inserir as tecnologias no cotidiano escolar, pode existir uma resistência por parte do docente: este somente lhe dará importância se estas forem adequadas para facilitar o alcance dos objetivos educacionais.

A mediação pedagógica busca abrir um caminho a novas relações, pois coloca em evidência o papel do professor e do aprendiz na busca da formação continuada. Em sala de aula o professor se mostra aberto a aprender junto aos seus alunos, o que o fortalece como ator de atividades para atingir seus objetivos.

Ao mesmo tempo, as mais diferentes TICs podem enriquecer este processo, ao serem exploradas como recursos pedagógicos, dinamizando e atualizando o processo de ensino-aprendizagem, continuamente, Estes recursos podem facilitar as pesquisas, armazenamento, edição e transmissão de informações, propiciando a formação de um contexto coletivizado, resultado da interação entre participantes.

Por exemplo, como aula de informática, ou, numa perspectiva mais inovadora, como projetos extracurriculares desenvolvidos com a orientação de professores de sala de aula e apoiados por professores encarregados da coordenação e facilitação no laboratório de informática.

O autor citado demonstra que hoje em dia, como já salientamos a digitalização e o tratamento informático da informação, bem como a conjugação de meios, já não nos permitem mais falar de tecnologias da informação e de tecnologias audiovisuais separadamente.

Contextualizamos assim que a integração dos meios, códigos e linguagens, rompem concepções, o que dá sentido à confusão que gerou no mundo das novas tecnologias.

Assim, da mesma forma como a criatividade inventiva do homem gera novas ferramentas tecnológicas e modifica constantemente os instrumentos que inventa, existe um efeito inverso: a tecnologia modifica a expressão criativa do homem, modificando sua forma de adquirir conhecimento e interferindo na sua cognição.

Dando continuidade, o papel do docente na educação, pode ser exercido de forma que este se assuma como mediador e trabalhador social, na construção de uma sociedade mais equânime, na qual os educandos desenvolvam a criticidade e possam, dessa forma, lutarem pelos seus interesses, inseridos na sociedade.

Percebemos então que, em relação à educação, o docente tem nas mãos a responsabilidade de agir como sujeito em meio ao mundo, e estimular o educando para também contribuir com a construção do conhecimento, agregando-o àquele já historicamente acumulado, dando-lhe a oportunidade de também atuar como protagonista na sociedade.

Assim a construção deste saber compreender, manusear e mediar tais conhecimentos e recursos é de suma importância para educadores e formadores, principalmente pela demanda tecnológica a qual estamos expostos. Sendo assim o nosso compromisso com estes saberes aumenta - na verdade estamos em movimento de inclusão digital, possibilitando oportunidades para a articulação de acessos técnicos com o educacional.

A presença das diferenças culturais e econômicas nos espaços educativos aponta à necessidade de abrir novos mecanismos de desafios, onde devem ser consideradas a heterogeneidade da educação e os processos sociais.

Por exemplo, quanto ao uso de celulares vimos que nós, educadores, temos que estar alerta e buscar novas perspectivas didáticas ao se trabalhar, para se poder ter uma resposta positiva dos alunos, mediante os desafios da educação.

Mostramos aqui, neste trabalho, como é possível usar este equipamento como um objeto de aprendizagem, e por sua vez, também como ferramenta para a construção de novos objetos. É, portanto um recurso importante que pode explorar o comprometimento cognitivo, social e o respeito às trocas de habilidades havendo uma reciprocidade social e cultural.

7 CONCLUSÃO

A nossa experiência como Instrutora de Informática associada à prática de Orientadora Educacional, nos permitiu desenvolver uma nova visão em relação às contribuições do uso das TICs tradicionais - como o computador, e não tradicionais, como o telefone celular.

A proposta de utilizar o telefone celular, até então um recurso não aceito em sala de aula, foi um fato inovador, que deu um dinamismo e poder de comunicação que anteriormente era pouco utilizado, entre professores e alunos. O uso do celular proporcionou o surgimento de um contexto coletivizado, resultado da interação entre participantes.

Mostramos assim, como diferentes tecnologias de informação e comunicação podem contribuir intensamente neste processo, principalmente se exploradas como recursos pedagógicos.

Dessa forma, podemos dizer que o Orientador Educacional é um profissional que procura assistir o orientando, considerando o seu ajustamento pessoal e social, e relacionam-se com todos os demais profissionais envolvidos no processo educativo, como um agente mediador deste processo. Do mesmo modo, o Orientador Educacional pode ser elo para a integração de novas metodologias, incluindo o uso de tecnologias, como por exemplo, possibilitar o acesso a diversas fontes de informação e tecnologias.

Nesse processo vimos que o professor, sendo flexível à mediação terá iniciado um processo que permite que fluam novas formas de aplicar os conteúdos, e apontando soluções para novos desafios, nos problemas no ambiente educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Clélia Candelária. **As Contribuições das Tecnologias na Educação**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/27886/1/AS-CONTRIBUICOES-DAS-TECNOLOGIAS-NA-EDUCACAO/pagina1.html>>. Acesso em: 22 jun. 2011

BASSO, Cíntia, Maria, Algumas **Reflexões Sobre o Ensino Mediado por Computadores**. Acessível. Disponível em: <http://www.ufsm.br/lec/02_00/cintia-l&c4.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BELLO, José Luiz de Paiva. **A Teoria Básica de Jean Piaget**. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BRASIL. **Constituição, 1988**. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Constitui%C3%A7%C3%A3o_de_1988_da_Rep%C3%BAblica_Federativa_do_Brasil/T%C3%ADtulo_VIII>. Acesso em: 10 maio 2011.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1. e 2. graus, e dá Outras Providências**. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mais Educação, 2007**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article>. Acesso em 12 jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental, versão agosto / 1996**. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm#Docintrod>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CHIPINOTTO, Adriano. Linguagem, Educação e tics. **Conjectura**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-79, 2010.

CORREIA, Sarah de Souza. **Uso do Celular em Sala de Aula Como Ferramenta Pedagógica**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13000/artigo_sobre_uso_do_celular_em_sala_de_aula_como_ferramenta_pedagogica>. Acesso em: 10 ago. 2011.

DELVAL, Juan Antonio. **Crescer e Pensar: a construção do conhecimento na escola**. 3. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. **A Educação**. Disponível em: <[http:// Revista Latino-Americana de Enfermagem](http://Revista Latino-Americana de Enfermagem)>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GRINSPUN, Mirian P.S.Z. Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola: a lei da constituição. In: ANDRADE, A.A.M. **Novas Tecnologias**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993. P. 60.

GUARESHI, A. Pedrinho. **A Sociologia Critica Alternativa de Mudanças**. 8. ed. Porto Alegre, Editora Alternativa, 1981.

HADDAD, Fernando. **Programa Mais Educação**. 8. ed. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://Portal.Mec.Gov.Br/Dmdocuments/Passoapasso_Maiseducacao.Pdf>. Acesso em: 12 jun. 2011

LIMA, Marcos Epifânio Barbosa. **Síntese Reflexiva Sobre quem foi e quem é o Orientador Educacional Dentro do Processo Histórico da Educação no Brasil**. Disponível em: < http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/770.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita, Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOURA, Maria Aparecida. **Interações Sociais Mediadas Pelo Celular**. Disponível em: <www.revistapontocom.org.br/edicoes-anteriores-artigo/interacoes-mediadas-pelo-celular11>. Acesso em: 10 ago. 2011.